



ANÁLISE DA PRODUÇÃO E REESCRITA TEXTUAL NOS ANOS INICIAIS: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA

Data de recebimento: 14/09/2017

Aceite: 05/11/2017

João Carlos ROSSI (UNIOESTE)¹
Terezinha da Conceição COSTA-HÜBES (UNIOESTE)²

Resumo: Diante dos desafios em que o professor encontra no processo de avaliação da produção e reescrita de textos dos alunos, dos anos iniciais, o presente trabalho busca por intermédio de uma pesquisa analítico-reflexiva, destacar a importância de o professor diagnosticar o texto do aluno para bem orientar a reescrita, além de mostrar a reescrita como uma prática necessária, para atender aos objetivos da interação estabelecidos. Este trabalho está articulado às atividades do projeto de pesquisa “Ações colaborativas nos anos iniciais: um olhar para as práticas de produção e reescrita textual em formação continuada”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* Cascavel. As discussões teóricas aquecidas partem da concepção de linguagem e, conseqüentemente, de escrita, como forma de interação, ancoradas nos pressupostos teóricos do círculo de Bakhtin/Volochinov (2014 [1929]) e de Antunes (2003). No que tange a análise e orientação de texto, recorremos ao instrumento de avaliação apresentado em COSTA-HÜBES (2012), a fim de identificarmos os aspectos dominados e não-dominados na produção escrita, de um aluno do 5º ano, de uma escola da rede pública de ensino, dos anos iniciais, do ensino fundamental, da região Oeste do Paraná.

Palavras-chave: Produção de texto. Reescrita de textos. Tabela diagnóstica. Anos iniciais.

Abstract: Faced with the challenges that the teacher encounters in the process of evaluating the production and rewriting of students' texts, from the initial years, the present work seeks, through an analytical-reflexive research, to emphasize the importance of the teacher diagnosing the student's text for well guide the rewriting, in addition to showing the rewrite as a necessary practice, to meet the established interaction goals. This work is articulated to the activities of the research project "Collaborative actions in the initial years: a look at the production practices and textual rewriting in continuous formation", developed together with the Postgraduate Program in Letters, master's level, State University of the West of Paraná - UNIOESTE, *Campus* Cascavel. The heated theoretical discussions start from the conception of language and, consequently, from writing, as a form of interaction, anchored in the theoretical presuppositions of the circle of Bakhtin/Volochinov (2014 [1929]) and Antunes (2003). Regarding the analysis and orientation of text, we used the evaluation tool presented in COSTA-HÜBES (2012), in order to identify the dominated and non-dominated aspects in the written production, a 5th year student, a public school system, of the initial years, of elementary education, of the West region of Paraná.

Keywords: Production of text. Rewriting texts. Diagnostic table. Early years.

¹ Mestrando em Letras do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* Cascavel, área de concentração Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, integrante voluntário do Grupo de Pesquisa Linguagem, Cultura e Ensino da mesma instituição. Especialista em Educação Especial, pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA, graduado em Letras - Português e Espanhol (Licenciatura), pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS *Campus* Realeza - Paraná. Professor de Comunicação Empresarial I e II, do Centro de Ensino Superior de Realeza - CESREAL, nos cursos de Administração e Ciências Contábeis, Professor de Língua Espanhola, no Colégio Adventista de Cascavel e Professor de Gramática, Produção Textual e Literatura, no Colégio Expressão, em Cascavel – Paraná, Brasil. Contato: joaocarlosrossii@hotmail.com.

² Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado e doutorado, área de concentração Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, *Campus* Cascavel, Paraná, Brasil. Contato: tbhubes@gmail.com.



1 Introdução

Este artigo está articulado às atividades do projeto de pesquisa “Ações colaborativas nos anos iniciais: um olhar para as práticas de produção e reescrita textual em formação continuada”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* Cascavel. O objetivo da pesquisa é contribuir, por meio de uma proposta de formação continuada, com base nas dificuldades apontadas pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, com o processo de ensino de produção e reescrita de texto.

Todavia, neste trabalho, em específico, apresentamos um recorte do tema de nossa pesquisa, ao destacarmos a importância de o docente diagnosticar os conteúdos dominados e não dominados no texto do aluno dos anos iniciais, do ensino fundamental, para bem orientar a sua escrita e reescrita.

Ao nos propormos a contribuir com o processo de correção de textos, devemos considerar que essa prática exige do professor conhecimentos linguístico-discursivos que o gênero discursivo em questão requer. Neste sentido, buscamos apresentar uma ferramenta que poderá auxiliar os professores no processo de análise/correção dos textos produzidos pelos alunos, apresentada em Costa-Hübes (2012) que a denomina como “tabela diagnóstica”, a qual contempla a identificação dos aspectos linguísticos-discursivos dominados e não-dominados na produção escrita dos alunos. À vista disso, com propósito de compreender o uso dessa tabela, avaliamos um texto de um aluno do 5º ano, de uma escola da rede pública de ensino, dos anos iniciais, da região Oeste do Paraná.

Desse modo, destacamos que as discussões teóricas que agasalham essa pesquisa, partem do entendimento da língua e, conseqüentemente, da escrita, como forma de interação, a qual abordaremos em “A escrita como forma de interação”; em seguida “A reescrita como prática necessária”, e “A importância de o professor diagnosticar o texto do aluno”; finalmente, apresentaremos a tabela diagnóstica a fim de analisar o texto selecionado seguindo os critérios apontados neste instrumento e as considerações finais.

2 A escrita como forma de interação



Ao compreendermos a escrita como forma de interação, se faz necessário definirmos a concepção de linguagem que embasamos nossa reflexão, uma vez que é a base de orientação para nosso trabalho em sala de aula. Neste sentido, nos ancoramos nos pressupostos bakhtinianos, os quais compreendem a linguagem como social e histórica, que se modifica de acordo com as necessidades de comunicação dos sujeitos envolvidos, sendo produto das relações de interação humana.

De acordo com essa perspectiva teórica, Geraldini (1984) salienta que o trabalho do professor deve visar ao aluno a reflexão de que a língua não está acabada, uma vez que a atividade de interação discursiva é produtiva e se reconstrói nas diferentes instâncias comunicativas, a exemplo, a escrita.

Nas palavras de Bakhtin/Volochinov (2014[1929]), no que se refere à língua como forma de interação, temos que,

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo e contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (2014[1929], p. 111).

Os autores também destacam que a língua não deve ser pensada como um conjunto de normas a serem estudadas de forma abstrata, mas sim como um processo evolutivo e contínuo. Sendo assim, ao entendermos o ensino da escrita como forma de interação, devemos considerar o seu papel social e oportunizar ao aluno um estudo voltado às situações reais de uso da língua, inserindo-o na corrente de comunicação verbal.

Destacamos, então, conforme Costa-Hübes (2012), que o ensino da escrita como forma de interação, reconhece a língua como social, histórica e ideológica. Desse modo, o professor como mediador do processo de inserção do aluno ao universo da escrita, deve partir do conhecimento prévio do aluno, já internalizado, para o inserir de forma mais prazerosa, e acolhedora, nesse processo.

À luz da escrita como forma de interação, nas palavras Antunes (2003) podemos compreender que,

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que



alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, como quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (2003, p. 45).

Entendemos, de acordo com Antunes (2003), que ao escrevermos, pressupomos o outro, uma vez que se escrevemos para alguém, estamos em interação com nosso suposto ouvinte/leitor, e cumpriremos, por meio da escrita, funções de interação específicas e relevantes.

Todavia, todo texto requer uma atividade de revisão após a sua produção, tendo em vista que essa atividade de reflexão possibilita ao aluno refletir sobre o seu escrito, rever o planejamento, o desencadeamento das ideias, a articulação as proposições iniciais, a fim de que, conforme Antunes (2003), sintam-se sujeitos de seu dizer. Dessa forma, o docente deve considerar que “A escrita compreende etapas distintas e integradas, de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões (ANTUNES, 2003, p. 55)”. Em se tratando de produção e reescrita nos anos iniciais, o professor precisa despertar no aluno, desde seu primeiro contato com a escrita, o entendimento de que um texto não pode ser dado como acabado logo em sua primeira versão, e que seu desenvolvimento implica em várias etapas, sendo possível revisá-lo a cada leitura.

Nesse entendimento, da escrita como forma de interação, buscamos refletir por meio de um instrumento de diagnóstico de texto de Costa-Hübes (2012), a importância de o professor analisar o texto do aluno, a fim de orientá-lo a contemplar em seu dizer, materializado na escrita, as suas intenções comunicativas.

2.1 A reescrita como prática necessária

Para produzirmos um texto, necessariamente, precisamos contemplar algumas etapas: planejamento, produção e reescrita. Dentre essas etapas, destacamos a reescrita como uma prática necessária em sala de aula, uma vez que essa atividade possibilita ao aluno refletir sobre a sua escrita, bem como, sobre os objetivos traçados no planejamento inicial do texto. Tendo em vista que, de acordo com Antunes (2003) devemos considerar, que cada uma das etapas cumpre um papel importante na produção textual, sendo que a versão final será reflexo de como o escritor as conduziu.



O professor, como mediador do trabalho com a produção textual, deve compreender que a reescrita é parte essencial e integrante do processo, tendo em vista que ao se propor essa atividade é possibilitado ao aluno operar sobre linguagem, sobre o seu dizer, e das escolhas que fez, adequando-as, a fim de oferecer uma escrita mais coerente e comprometida com o suposto interlocutor.

A reescrita, portanto, exige a retomada da proposta de planejamento do texto e a reflexão sobre os objetivos estabelecidos para que a interação escrita se concretize. Assim, a reescrita tem o objetivo de mostrar ao aluno que o resultado da produção da primeira versão do texto não deve ser visto como produto acabado, mas como um processo inicial que requer revisão contínua, que a cada nova leitura se refaz. Nesse sentido, com o intento de despertar no aluno essa visão, nós, professores, devemos intervir nesse processo, direcionando-o em busca de que se familiarize com o processo de escrita e com suas etapas complementares.

É válido ressaltarmos, que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL 1998), o processo de reescrita proporciona a atuação do aluno como um leitor crítico de seu próprio texto, buscando preencher as lacunas deixadas na sua escrita, que não atenderam ao planejamento inicial.

Nas palavras de Jesus (2004), a atividade de reescrita deveria ser vista

[...] como atividade de exploração das possibilidades de realização linguística, de tal forma que o instituído pelos cânones gramaticais fosse colocado a serviço desse objetivo maior e, por isso mesmo, passível de releituras e novas formulações. (2004, p. 99).

Dessa forma, a atividade de reescrita deve ser vista como uma possibilidade de o professor, junto ao aluno, promover a reflexão linguística do texto, por meio de uma situação real de interação linguística, fornecendo subsídios para melhoria da comunicação desencadeada no texto em revisão. Frente a esse entendimento, a reescrita visará alcançar os objetivos propostos no planejamento inicial da produção textual, mostrando-se passível de novas (re)formulações, além de valorizar a reflexão da linguagem e do exercício de diagnóstico de texto pelo próprio autor.

Com base nessa compreensão teórica, discorreremos, na próxima seção, sobre a importância do diagnóstico da produção textual, em que, por meio do instrumento de Costa-Hübes (2012), apresentaremos a análise de um texto, considerando os critérios de correção



linguísticos-discursivos dominados e não-dominados por um aluno do 5º ano, de uma escola pública da região Oeste do Paraná

3 A importância de o professor diagnosticar o texto do aluno

É válido ressaltarmos que o entendimento do professor, no que diz respeito à linguagem como fator social, histórico e ideológico, possibilita-o (re)pensar sobre a forma que vem conduzindo seu objeto de ensino em sala de aula e, conseqüentemente, esse exercício refletirá no aprendizado do aluno. Em se tratando de produção textual, bem como de possibilitar ao aluno a reflexão sobre a língua, Bakhtin/Volochinov (2014) apontam que “[...] a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (2014[1929], p. 127).

Desse modo, de acordo com os pensadores russos, nós, professores, devemos considerar que ao propormos a atividade de produção e reescrita textual, se faz necessário que possibilitemos a reflexão de que o uso da língua promove a interação entre os sujeitos, e que essa ação não se distancie do contexto sócio-histórico em que os alunos estão inseridos. Além disso, devemos considerar a importância de todas as etapas para produção escrita (planejamento, produção e reescrita), a fim de que o aluno as contemple de forma satisfatória.

Devemos compreender, que o docente ao propor uma atividade de produção textual escrita, deve ter consolidado os critérios correção que julgará necessários para a sua realização e que nortearão a escrita do aluno. Considerando esse apontamento, nota-se, que o professor dos anos iniciais, por ser formado em Pedagogia, predominantemente, ou em outras licenciaturas, apresenta uma carência formativa ao se deparar com o ensino e a avaliação de conteúdos linguísticos. Tendo em vista essa demanda, é necessário que professor esteja em formação contínua, uma vez que o possibilitará refletir sobre a sua prática, com intuito de que essa formação possa contribuir, de alguma forma, com as demandas apresentadas pelo docente, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa - LP.

Neste sentido, com o objetivo de possibilitar a reflexão do professor dos anos iniciais, e contribuir com o processo correção de textos, centremo-nos às questões de ensino. Para essa reflexão, recorreremos a tabela diagnóstica de Costa-Hübes (2012), a qual apresenta alguns critérios linguístico-discursivos que podem ser considerados durante o processo de análise diagnóstica do texto do aluno.

Vejamos, no quadro abaixo, como esta tabela se encontra organizada.



Quadro 01 - Critérios de Análise Linguístico-discursiva - Tabela Diagnóstica - 4º e 5º anos

1. GÊNERO/ SITUAÇÃO SOCIAL	Aspectos não Dominados – ND/ Marcar X															
	Nome dos Alunos															
1.1. Atende à necessidade de interação estabelecida (Quem? p/ quem? O quê? Quando? Onde? – contexto de produção)?																
1.2 Está adequado à esfera de circulação?																
1.3 Está adequado ao suporte físico de circulação?																
1.4 Abrange satisfatoriamente o tema?																
1.5 Atende ao formato do gênero?																
1.6 Expressa o domínio da capacidade de linguagem que o gênero requer (narrar, relatar, argumentar, expor ou descrever ações)?																
2. TEXTO																
2.1 Apresenta clareza / coerência:																
2.1.1 Tem progressão?																
2.1.2 O grau de informatividade é adequado?																
2.1.3 Apresenta ideias não-contraditórias?																
2.2 Uso adequado dos mecanismos de coesão:																
2.2.1 Referencial																
2.2.2 Sequencial																
2.3 A variante linguística selecionada é adequada à situação?																
2.4 Uso adequado dos circunstanciadores de tempo/lugar/modo etc. em textos predominantemente narrativos																
2.5 Emprego adequado dos verbos (pessoa/modo/tempo)?																
2.6 Emprego adequado da concordância verbal?																
2.7 Emprego adequado da concordância nominal?																
2.8 Adequação vocabular?																
2.9 Pontuação adequada?																
2.10 Paragrafação adequada?																
3 ASPECTOS ORTOGRÁFICOS																
3.1 Uso adequado de letras maiúsculas?																



atendia à proposta de um simulado da Prova Brasil³. A proposta foi lida pelos aplicadores e, em seguida, os alunos iniciaram a escrita tendo como base a seguinte situação de produção:

Figura 1 – Proposta de produção de texto apresentada a alunos do 5º ano

6 PRODUÇÃO DE TEXTO

6.1 Releia o texto abaixo:

Uma vez, meu tio Odilo, irmão mais velho do meu pai, prometeu me levar ao estádio do Pacaembu para ver o São Paulo se eu me portasse bem. Virei santo naquela semana de espera interminável. No sábado depois do almoço ele veio me buscar; eu já estava pronto desde as onze da manhã.

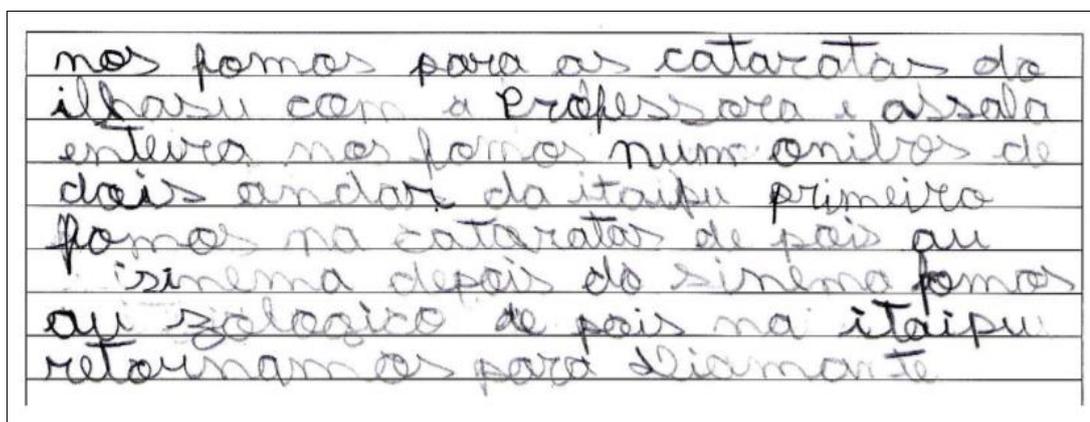
Varela, Dráuzio. Nas ruas do Brás. São Paulo: Cia das letras, 2000.

Nesse texto lemos uma história interessante de um passeio. E você, já fez um passeio interessante? Conte-nos para onde foi e como foi.

Fonte: Banco de dados do Observatório da Educação

De acordo com o comando de produção e, considerando os critérios de análise de textos assinalados na tabela diagnóstica de Costa-Hübes (2012), escolhemos para análise, o texto a seguir:

Figura 2 – Texto selecionado para análise



Fonte: Banco de dados do Observatório da Educação

É válido ressaltarmos, que a esse tipo de análise, denominamos análise linguística, uma vez que o professor acionará conhecimentos linguísticos-discursivos para diagnosticar e

³ O simulado da Prova Brasil foi aplicado por alunos bolsistas da pós-graduação que integravam, à época, o Projeto de Pesquisa do Observatório da Educação. Esse simulado, além de focar nos descritores da Prova Brasil, apresentava uma proposta de produção textual cujo objetivo era avaliar a capacidade de escrita dos alunos do 5º ano.



orientar o texto do aluno. Desse modo, iniciamos essa atividade diagnóstica atentando ao núcleo 1 da tabela: gênero/situação social,

1) A produção textual lançada propõe a escrita de um texto do gênero “relato de experiência vivida”, no qual podemos observar que o aluno atendeu parcialmente a proposta, devido à falta de clareza mostrada na maior parte dos critérios que dizem respeito ao formato do gênero em questão e em relação ao próprio conteúdo temático que fica prejudicado pela falta de marcadores temporais: quando o passeio ocorreu? Qual turma de alunos foi nesse passeio? Quem acompanhou esses alunos? Quem organizou essa viagem? Com que propósito foi planejada? Estes são alguns questionamentos aos quais o texto não responde. O autor não considera, também, seus interlocutores (no caso, bolsistas do Observatório da Educação) para os quais o aluno deveria escrever. Ademais, de não atender plenamente ao meio de circulação, uma vez que por se tratar de um simulado da Prova Brasil, circularia mais, especificamente, na esfera acadêmica. Por outro lado, no que se refere à contemplação da temática, o texto está adequado à proposição inicial, já que atende ao comando de produção, relatando a experiência de um passeio, mesmo não cumprindo com todas as etapas estruturais da narrativa. Além disso, observamos que o aluno expressou domínio da capacidade de linguagem narrativa, no entanto, não utilizou a variante linguística adequada a esfera de circulação. Destacamos que, o texto em análise apresenta uma tentativa de interação por meio da proposta de produção lançada, além de demonstrar que, apesar de o aluno já ter passado pelo ciclo de alfabetização, ainda se encontra em fase de familiarização com a escrita, bem como, com os gêneros discursivos/textuais que dão forma ao texto.

No que diz respeito aos critérios de estruturação do texto, o núcleo 2, temos que,

2) O texto em análise é um texto coerente, apresenta em sua totalidade aspectos progressivos que não se desvinculam da proposta inicial de produção. O grau de informatividade do texto é baixo, a exemplo temos: “*primeiro fomos na cataratas*”, “*de pois au cinema*”, “*depois do cinema fomos au zologico*”, desse modo, devemos considerar que novos acontecimentos de caráter informativo são lançados, porém,



não são desenvolvidos no decorrer da produção, quem sabe por se tratar de um simulado de uma prova, o tempo e espaço para produção são curtos, não favorecendo a criatividade dos alunos. No que se refere a elementos contraditórios, destacamos que não há ideias contraditórias no texto, estando adequado ao contexto de produção oferecido. Já no que diz respeito a adequação dos mecanismos de coesão sequencial, o escritor não fez uso, sendo que a falta dela no texto, bem como, dos marcadores temporais, prejudica a construção composicional do gênero, o que não contribui para uma relação de interação efetiva entre o texto e o leitor. Ressaltamos, quanto a coesão referencial, que o aluno retoma o elemento “nós”, com “*assala*”, se referindo a sala inteira, que fez a viagem a Foz do Iguaçu, todavia, repete demasiadamente a expressão “*nos fomos*”. Ao observarmos a variante linguística selecionada à situação de produção, o aluno fez tentativas de utilização da escrita formal, como em “*nos fomos para as cataratas do ilhasu*” “*fomos na cataratas*” “*retornamos para Dinamite*”, embora a sua escrita se aproxime mais da oralidade, se acentuando à informalidade, como nos casos “*nos fomos num onibus de dois andar*”, “*au sinema*” “*au zologico*”. Nesse contexto, tendo em vista os exemplos mencionados, evidencia-se, que o aluno encontra dificuldades quanto à concordância nominal como em “*dois andar*”, contrapondo-se a utilização dos verbos “*fomos e retornamos*”, em que fez seu emprego de forma adequada. Destacamos, também, a ausência total de pontuação e paragrafação, o que mostra que o aluno ainda não se apropriou dos elementos organizacionais esse tipo de texto.

Dentre os aspectos ortográficos, relacionados ao núcleo 3, percebemos que,

3) O texto apresenta ausência de utilização de letras maiúsculas, uma vez que o aluno não as empregou de acordo com as normas de utilização, como em início de parágrafo e frente a nomes próprios. O traço gráfico de registro feito pelo aluno se apresenta em forma cursiva e legível, no entanto, a escrita evidencia problemas ortográficos como em “*ilhasu*”, “*enteira*”, “*sinema*”, “*onibus*” e de acentuação como em “*nos fomos*”. Além disso, observamos o fenômeno de hipossegmentação em “*assala*” e de hipercorreção em “*enteira*” e “*onibus*”, esse último, relacionado ao alteamento da vogal.



Desse modo, por meio da análise diagnóstica foi possível observar os aspectos já dominados pelo aluno do 5º ano, para, então, potencializarmos um trabalho de reflexão linguística partindo de seu conhecimento prévio. No que se refere ao ensino dos aspectos linguísticos-discursivos não-dominados, destacamos os seguintes: quanto ao gênero: potencializar o trabalho que contemple as etapas de interação da linguagem requeridas pelo relato de uma experiência vivida e a seus possíveis interlocutores; quanto ao texto: atentar as questões de informatividade e desenvolvimento das novas ideias a ele incorporadas, além da adequação da variante linguística ao contexto de produção, bem como, de concordância nominal, pontuação e paragrafação; quanto aos aspectos ortográficos: observamos que o aluno encontra dificuldades quanto a ortografia, hipossegmentação e hipercorreção e que podem ser discutidas a partir da atividade de revisão e reescrita.

Destacamos, por fim, a importância do diagnóstico à produção textual, uma vez que oferece ao professor a oportunidade verificar os aspectos linguísticos-discursivos dominados e não-dominados pelo aluno. Além de possibilitar a intervenção do docente, favorecendo momentos de reflexões linguísticas por meio de análise coletiva e, conseqüentemente, do encaminhamento da revisão e reescrita, proporcionando ao estudante, a apropriação da escrita em suas mais variadas estruturas e esferas de circulação

Considerações finais

Esse trabalho buscou refletir sobre o ensino de produção e reescrita textual, nos anos iniciais, evidenciando-as como uma prática necessária nessa etapa de formação, buscando contribuir com a prática do docente, no que se refere ao processo de análise e diagnóstico de textos escritos. Ademais, de mostrar a importância dessa ação, uma vez que se torna necessária para esclarecer aspectos dominados e não-dominados pelos alunos, os quais podem ser tomados como ponto de partida para o trabalho de reflexão sobre a língua em sala de aula.

Ressaltamos, também, que a adoção da concepção da linguagem como forma de interação, tanto em gêneros orais, neste caso, especificamente, em gênero escrito, valoriza o contexto sócio-histórico em que os alunos estão inseridos, oportunizando assim, um estudo de conteúdos linguísticos por meio da língua em uso, dessa forma, sendo mais significativo.



Destacamos, a partir da análise de texto realizada, que o trabalho de correção de textos, por meio do instrumento de análise e diagnóstico apresentado, mostrou-se como uma ferramenta de apoio ao docente, sendo possível adequá-lo de acordo com o gênero discursivo que o docente estiver trabalhando em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

COSTA-HÜBES, T. da C. Análise de textos de alunos dos anos iniciais: orientações para um possível diagnóstico. **Working Papers Linguística**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 1-20, 2012.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

JESUS, C. A. de. Reescrevendo o texto: a higienização da escrita. In: CHIAPINI, L. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 88-117.